

# LUGARES QUE EDUCAM: O APRENDIZADO NAS FEIRAS LIVRES

Thiago Isaias Nóbrega de Lucena<sup>35</sup>

Dalcy da Silva Cruz<sup>36</sup>

## RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência que tem por objetivo efetivar uma análise sobre o processo de ensino-aprendizagem, troca e aquisição de saberes entre crianças e adolescentes que iniciaram precocemente algum tipo de atividade laboral nos espaços da feira-livre no bairro do Alecrim em Natal-RN. A partir do conhecimento prévio da legislação vigente no Brasil, observamos a partir na perspectiva de um trabalho empírico sobre a questão sem descuidarmos das sanções proibitivas da prática de atividades de trabalho entre crianças e adolescentes. Sem desmerecer o caráter organizativo, nivelador e político de tais documentos, firmamos o nosso olhar, no desenvolvimento de capacidades e aprendizados da tradição adquiridos a partir da prática do trabalho na feira-livre para além dos conteúdos programáticos da escola formal e sua religação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira-livre. Trabalho infantil. Justiça social.

---

<sup>35</sup> Aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN).

E-mail: thiagolucenacs@hotmail.com; Endereço para correspondência: Avenida Amintas Barros, 4904-A, 1º Andar, Nova Descoberta – Natal/RN – CEP: 59075-250

<sup>36</sup> Professora Dra. do Departamento de Ciências Sociais da UFRN.

## **1 CHEGANDO À FEIRA-LIVRE/A FEIRA-LIVRE CHEGANDO**

As feiras-livres estão presentes em mundo prático e imaginário. Desde os primeiros anos da minha história de vida e transversalizaram muitos dos conhecimentos aprendidos no ambiente escolar, mas, fundamentalmente na minha vida além dos muros da escola. Essa atividade/acontecimento está incrustada na origem e formação do meu povo, do meu local, do meu ser.

Ouro Branco-RN, cidade de pequena extensão geográfica, porém imensa em histórias e fofocas históricas compartilhadas em suas esquinas ou em volta de sua praça. Principal cidade cujo nome faz referência à cotonicultura observada atualmente apenas em uns poucos pares de algodoeiros de função meramente ornamental em alguns logradouros. Cidadela das calçadas repletas de cadeiras e pessoas a conversar e de lares que ainda se dão ao luxo de dormir com as fechaduras das portas abertas. Lugar que, dentro do Rio Grande do Norte, possui a maior proporção de idosos em relação à população total, população esta, responsável por fazer a frágil economia do local girar, graças às aposentadorias e auxílios financeiros governamentais. Lugar de comércio elementar e restrito, porém rico e variado.

Ali, dia de domingo é dia de mudança de cenário. É dia de colocar aquela “roupa de domingo”, de ir à missa de girar e girar em volta da praça, de paquerar, de tomar aquela boa cachaça no bar de Dedezinho e, sobretudo, dia de ir à feira-livre. Fazer isso é mais que cumprir uma obrigação, é quase um ritual que inicia-se com o despertar nas primeiras horas do dia ao som do cantar do galo ou das visitas vindas das comunidades rurais circunvizinhas que, com sua conversa alegre e sorriso frouxo esperam o preparo do tão saboroso e cheiroso café a ser tomado em volta da comprida mesa devidamente posta.

A feira-livre da cidade concentra-se na rua que foi historicamente batizada de “rua principal” por estar exatamente localizada em lugar estratégico que liga o início ao final da cidade, visto que está ligada às duas estradas que levam à cidade. As barracas são montadas dentro e fora do Mercado Público Municipal que, em segundos transforma-se em uma bagunça, muito bem, organizada composta por carros, carroças, burros de carga, cavalos, bancas e seus variados produtos que os visitantes/compradores irão tocar, manusear,

experimentar, provar e trocar por moeda, por serviço, por amizade ou por outros produtos, seja a vista ou fiado.

Questionando-se a respeito de tal fenômeno social e a forma como ele muda a dinâmica da cidade, talvez possamos vislumbrar uma explicação a partir da história do lugar contada pela minha professora da segunda-série do ensino fundamental.

Localizada na Região do Seridó Potiguar, o município está a 8km da Paraíba, constituindo-se em ponto estratégico de descanso para os viajantes, comerciantes e saqueadores que se deslocavam da cidade de Caicó-RN para Campina Grande-PB em um percurso histórico que se deu entre os fins do Século XIX e alvorecer do Século XX. As pessoas que realizavam essas grandes viagens passaram a fazer uma parada estratégica às margens do rio Quipauá para restabelecer as forças e seguir viagem.

Com o passar dos tempos, os proprietários das fazendas que se constituíam no entorno começaram a comercializar produtos diversos com esses viajantes que passaram a atuar como principais abastecedores daquela região que já possuía umas poucas casas construídas.

Com a deficiência da produção de subsistência acentuada, sobretudo, por um longo e intenso período de seca, intensificou-se a procura por produtos e gêneros alimentícios de outras localidades. Foi então que, oficialmente em 16 de julho de 1905, com autorização da intendência de Jardim do Seridó-RN, foi organizada a grande feira que atraiu pessoas de terras vizinhas e simbolizou na verdade o surgimento da cidade que teve sua gênese atrelada ao acontecimento desta feira-livre que assim foi repassada e reconstruída ao longo do último século por seus moradores.

Sendo assim, o ato de ir à feira, mesmo após a minha mudança para Natal, a capital potiguar, continua a ser um grande evento no qual é mobilizado por mim interiormente o mesmo espírito de levantar cedo, escolher uma boa roupa e me deixar levar pelo ambiente de trocas tão significativas não só de produtos e dinheiro, mas de afetos variados como pensa Felix Guattari (2000) em sua abordagem teórica que tematiza o impacto que as experiências espaciais podem ter sobre nós e nossas lembranças. Esse pensador separa *a priori* a idéia de afeto e afeição, acredito que estivesse consciente da

proximidade semântica entre os dois termos, ou seja, da afeição contida no afeto.

Melhor dito, o ato de freqüentar a feira me faz evocar lembranças que têm o poder de representar esse espaço como algo vivido, imaginado, transplantado e reconstituído de formas imprevisíveis e fascinantes. É nessa perspectiva de afeto que relatamos uma experiência realizada na feira-livre do bairro do Alecrim-Natal/RN.

## **2 A SALA DE AULA: FEIRA LIVRE DO ALECRIM**

O fenômeno econômico da feira-livre remonta aos agrupamentos humanos mais longínquos, desde que o homem fixou-se sobre a terra, domesticando animais, exercitando a agricultura e necessitando realizar suas trocas. No Brasil, a partir do que descreve a história “oficial”, essa atividade remonta ao período Colonial como tradição cultural ibérica implantada pelos colonizadores no país.

Como foco de resistência na atualidade, as feiras-livres desempenham um papel importante no abastecimento urbano e para o meio rural possibilitou que o contingente populacional conseguisse vender o que excede em sua produção e ainda pudesse adquirir produtos os quais não produziam desde ferramentas a roupas e utensílios domésticos. É nesse espaço que ainda se dão as relações entre a cidade e o campo, a partir dos modos de produção.

Em sua análise acerca das feiras-livres, Fonseca (2006) discorre que nessas instituições tudo se mistura e tudo se transforma: “O campo e a cidade, o mar e o sertão, todos estão ali presentes, nos alimentos, nos olhares casuais, no jeito sempre a vontade dos feirantes, nos modos, costumes, no interesse curioso pelas novidades”. (FONSECA, 2006, p. 08).

Dessa maneira, “entrecortada nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e diferentes formas de apropriação, as redes de sociabilidades fazem [...] **da feira** o palco possível da vida urbana” (CORADINI, 1995, p. 21).

A imensa e nada silenciosa sala de aula da feira livre do bairro do Alecrim em Natal-RN reproduz um espaço de amplas atividades sociais, no qual os feirantes agem como atores sociais nesse rico ambiente. Essa feira se caracteriza como um lugar de grande resistência cultural local, contudo, ela

também é considerada um lugar de adaptação aos novos valores sociais, de acordo com seus interesses culturais e econômicos. Mesmo se adequando a certas novidades em virtude do processo evolutivo da sociedade à expansão sociocultural e às novidades capitalistas, esta ainda conserva traços da memória que revelam a sua importância para a população do município.

Este trabalho tomou como referência, o levantamento bibliográfico, a coleta de dados obtidos em duas visitas à feira, a observação participativa, produção fotográfica, conversas informais com os feirantes, crianças e adolescentes e clientes da feira-livre do Alecrim-Natal-RN, em março de 2009.

Essa feira que acontece aos sábados desde as primeiras horas do dia e prolonga-se até o final da tarde, traz em suas bancas diversos tipos de alimentos, tais como: carnes, peixes, frango, frutas, verduras, legumes, temperos variados, além de cereais, chás, raízes, roupas e até aparelhos eletrônicos, formando uma paisagem multicolorida e de múltiplos sabores que atacam todos os sentidos. Muitos de seus frequentadores assinalam que consomem os produtos pela diversidade, possibilidade de negociação e baixo preço das mercadorias.

Além de produtos comercializáveis, vendedores, compradores e visitantes, é possível visualizar um número bastante significativo de crianças e adolescentes nas mais variadas situações: algumas acompanhando os pais durante as compras, outras aventurando-se a passear e até comprar sozinhas e ainda algumas delas que praticam a mendicância. Porém, voltamos o nosso olhar para os casos (numerosos) de crianças e adolescentes praticando atividades laborais diversas por entre os espaços da feira.

As principais ocupações de meninos e meninas identificadas na feira-livre do Alecrim são: vendedores (fixos e ambulantes), vigias de bancas, pesadores de mercadorias e, em maior número, os carregadores de frete. Esta última atividade trata-se de carregar compras e objetos pesados em carrinhos de mão (carroças) para os compradores. Os meninos carregam esses elementos até a residência ou transporte dos consumidores da feira.

No Brasil, foi instituído no ano de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) que enfatiza em seu artigo 60: "É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de

aprendiz.”<sup>37</sup>. Porém, mesmo sendo Lei, não é o que se observa nas ruas das grandes cidades ou no campo por todo o território brasileiro, uma vez que, com todas as exigências impostas na modernidade, em especial após a introdução da máquina que produz em larga escala, aumentou a massa populacional adulta que não possui uma atividade formal de subsistência, cabendo a todos os membros da família, enfrentar a luta diária pela sobrevivência.

[...] de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção do sexo e de idade, sob o domínio direto do capital [...] (MARX, 2000, p. 449).

O conhecimento de tal legislação proibitiva que visa à erradicação do trabalho infantil foi o ponto motriz de motivação à aproximação do nosso olhar para os meninos e meninas que trabalham na feira do Alecrim, porém, ao conhecê-los de perto e ouvir suas histórias a partir do diálogo que foi possível manter com eles e seus parentes, pudemos perceber que aquele lugar também funciona como uma grande sala de aula de portas abertas que jamais se enquadraria em qualquer modelo de escola formal. Não desconsiderando a pertinência das leis, este trabalho operou em mim uma mudança significativa de posições: saí do lugar e da posição de militante na luta contra qualquer forma de trabalho infantil com base nas leis pré-estabelecidas, para uma posição de defesa da prática de algumas atividades laborais precoces enquanto aprendizados da cultura. Foi necessária a realização de um exercício doloroso de distanciamento que só passou a ganhar contornos de entendimento a partir da retomada de leituras de Claude Lévi-Strauss (2005) que me ajudaram no sentido de “tornar-me estrangeiro na minha própria terra”, ou seja, distanciar-me com rigor crítico de um problema que para mim já era comodamente conhecido e passar a vê-lo como algo novo sobre outro prisma.

Esclareço aqui que, a atividade ou trabalho que se dá por meio da repetição forçada, insalubre, degradante, penosa e com fins exploratórios da mão de obra da criança e ou adolescente deve ser combatida nos rigores da lei vigente no país.

---

<sup>37</sup> Capítulo V – Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Os aprendizados constatados na feira estão para além da estocagem de conteúdos “bancários” das escolas formais, em muitas das quais,

em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. [...] em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 2005, p. 52).

A crítica, nesse caso, se dirige aos modelos educacionais não solidários, ou seja, que não realizam a religação de “saberes científicos e saberes da tradição” observando o primeiro como instância final e incontestável, uma vez que foi experimentado, testado e o segundo como construções insubstanciais, refutáveis e sem comprovações lógicas. (ALMEIDA, 2010).

Contudo, compartilho da opinião de Almeida (2005, p. 26) de que tais “instituições educacionais formais têm papel decisivo na nossa sociedade”, embora não sejam, de maneira nenhuma, a única forma de construção de aprendizagens significativas.

Foi a esses lugares que as sociedades modernas delegaram a missão de ensinar as regras da vida em comum, de cultivar o gosto pelo saber, de transformar a curiosidade em investigação científica, de produzir conhecimento, de partilhar do capital de saberes acumulados, de formar cidadãos para viverem o seu tempo e projetarem o futuro. (ALMEIDA 2005, p. 26).

### **3 O “TRABALHO” DOS ALUNOS E SEUS APRENDIZADOS**

Ao adentrar a Feira do Alecrim no dia 14 de março de 2009, comecei a perceber o ambiente fazendo uso de múltiplos órgãos dos sentidos, no tocar das texturas das peças artesanais, na percepção das cores e atores variados, mas, sobretudo, pelos diversificados odores que ele exala. Na entrada, o quase insuportável e insosso cheiro de carnes, fígado, peixes, pele e sangue de animais. Após darmos alguns passos, nosso olfato é premiado com uma agradável sensação de frescor, dada a proximidade das bancas que comercializam temperos diversos como coentro, orégano, cominho, pimenta e

especiarias em geral. Não é preciso ter nenhum olhar apurado para observar crianças e adolescentes em situação de trabalho.

As bancas da feira são colocadas lado a lado divididas por categorias que deixam o ambiente mais “harmônico”, porém, caminhar por entre ela torna-se uma prática cada vez mais difícil, pois nos deparamos com uma verdadeira invasão de carrinhos de mão que perambulam apressados de um lado para outro. Em sua maioria, empunhados por meninos e meninas que se esforçam para suportar o peso das compras dos freqüentadores da feira.

Em meio a tantas possibilidades, resolvemos nos aproximar de uma das bancas. Lá estava o menino Ítalo<sup>38</sup> de 12 anos. Ele mora no bairro das Rocas em Natal-RN e trabalha na feira desde os 07 anos de idade, ela nos disse: “Na feira eu debulho feijão e vendo cuentro”, afirma ele. Esse menino parou de freqüentar a escola porque crê que “é muito sem graça um bucado de coisa que eu nem entendo” e reforça dizendo que “adora trabalhar”. Sobre isso, Cyrulnik (2004), fala que, em grande parte dos casos de crianças e adolescentes que desenvolvem suas práticas no espaço da rua e que têm como compromisso levar comida para casa, a escola não opera nenhum sentido dialógico na vida delas “e se tornará até mesmo ridícula: ‘o teorema de Pitágoras é ridículo, absurdo. Não quer dizer nada, nada, em comparação com o que me espera em casa hoje a tarde’. A rua, ao contrário, as tranqüiliza um pouco, dá-lhes um sentimento de liberdade, de distração e até de alegria [...]”. (CYRULNIK, 2004, p. 158)

Continuando a caminhada, fui até o local onde vendiam frutas e me dirigi à banca em que estavam os irmãos Vítor de 08 anos e David de 10, ao lado da mãe. Eles revelaram: “Nós ajudamos a pesar, entregar sacolas, receber o dinheiro e arrumar a banca”, diz David. Impressionou-nos a desenvoltura que os dois possuíam ao lidar com a pesagem da mercadoria e com o dinheiro, ao passar o troco rapidamente para os clientes. Esses dois irmão também tinham um talento peculiar de se expressar por meio das palavras ao incitarem os transeuntes da feira a comprar suas mercadorias por meio de canções, versos, rimas, piadas e gritos diversos. A mãe nos disse que eles a ajudam há quatro anos. Os dois diziam com largos sorrisos nos rostos e uma sinceridade de

---

<sup>38</sup> Por uma questão ética, faremos uso de nomes fictícios para caracterizar os atores da feira.

criança que, trabalhar na feira com a mãe é sua atividade preferida. Perguntamos para Analice, mãe dos meninos, se ela os obriga a trabalhar e, em tom de espanto ela respondeu: “Não! Quando eu levanto de madrugada, eles já estão acordados e fazendo café pra mim, pra depois a gente vir pra feira”. E acrescentou: “Eles trabalham porque gostam. É melhor do que roubar”.

É nítida e repetitiva a reprodução de que o trabalho, mesmo realizado precocemente, dignifica o homem entre os adultos que vendem na feira. A partir dessa percepção, observamos que as crianças incorporam esse aprendizado muito cedo, sem que seja necessário os pais obrigarem. Ao perceberem as abordagens que fazíamos às crianças, muitos adultos exclamavam bordões como os que foram citados acima. Um senhor que vendia picadinho de carne temperado, falou: “hoje em dia só tem muito marginal porque os moleques não trabalham. No meu tempo, a gente começava desde cedo a luta.”.

No segundo dia de visita (21/03/2009), entramos na feira no horário vespertino para visualizarmos a feira em horários alternados e realizar possíveis comparações com o horário matutino. Encontramos uma criança aparentemente exausta, sonolenta sobre uma banca vazia. Aproximamo-nos e perguntamos seu nome. Ele respondeu um tanto espantado: “É Jadson”. Perguntamos se ele estava acompanhado de seus pais, e ele respondeu: “Não! Estou trabalhando!” Perguntamos se ele estuda e o que ele faz na feira: “Eu nem piso na escola porque lá tem uns negócios difíceis eu tenho é que comer e ajudar à minha mãe, por isso aqui eu carrego e descarrego mercadoria, ajudo a tomar conta dessa banca, vendo e carrego galinha”, afirmou ele.

Essa resposta nos fez suscitar Morin (2010), quando disserta a respeito da urgência da pertinência do conhecimento, dada a insuficiência do conhecimento fragmentado das partes isoladas. “É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.” (MORIN, 2010, p. 34)

Continuando a nossa conversa, indagamos se os pais dele o obrigavam a trabalhar para ajudar em casa. A criança, em tom de aborrecimento disse-nos que não e insistia em dizer que gostava muito de trabalhar: “Eu gosto da feira, pois aqui eu fico fora da vagabundagem”. Para terminar a conversa com Jadson, questioneei: já que você disse que não vai à escola, você aprende

alguma coisa aqui na feira? Com uma mescla de segurança nas palavras e inocência de criança ele respondeu: “eu aprendo a viver, a ter cuidado nas coisas, a trabalhar para ajudar lá em casa, um bocado de coisa”.

Edgar Morin (2000, p. 16), mesmo com o seu faminto gosto pelos livros e outros elementos da cultura letrada, diz: “minha primeira cultura foi formada e alimentada na rua de Ménilmontant, em Paris”, já que, segundo ele, na escola formal, aprendeu a ser francês, fazendo uma reflexão crítico-humorada ao “afrancesamento” adquirido em sua formação escolar. Ao falar em pertinência, chamo a atenção para a vigilância e prática constante da não dissociação entre o que se aprende na rua e na escola.

Mais adiante, encontramos um menino carregando uma grande quantidade de mercadoria em seu carrinho de mão que, ao notar a nossa presença, não hesitou em correr com bastante destreza por entre as bancas e pessoas. Num ato de pouco pensar, resolvi apressar o passo para aproximar-me dele. Quando consegui, tentei passar uma boa impressão para que ele não se sentisse coagido e saísse mais uma vez. Perguntamos por que ele fugiu quando notou a minha aproximação e ele respondeu: “porque eu pensava que você era do juizado e queria me levar”. Foi aí que me dei conta do motivo pelo qual até o presente momento, não ter conseguido me aproximar de nenhum carregador de frete da feira. Todos eles desenvolveram habilidades para escapar em rede de possíveis fiscalizações proibitivas. Ao primeiro sinal de pessoas “suspeitas”, códigos e comunicações não verbais, tais como assobios e gesticulações eram acionados para que todos evacuassem a área da feira. Nos termos de Cyrulnik (2004, p. 138) poderíamos atribuir a essa adaptação o termo delinqüência, uma vez que, segundo o psicanalista francês, “uma criança de rua que não fosse delinqüente teria uma esperança de vida de apenas alguns dias”. Já Takeuti citando Gualejac informa:

Viver na rua implica um aprendizado particular, a valorização de certas **qualidades**, do mesmo modo que o aprendizado escolar implica em capacidades específicas. Na rua, é necessário aprender a sobreviver, a se defender, a se fazer respeitar, portanto, a lutar, a **furtar**, a se inventar signos de reconhecimento que não são dados pelas instituições clássicas de socialização. (TAKEUTI, 2002, p. 11 e 12, grifo da autora).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa escola da vida, na qual as crianças e adolescentes cada vez mais cedo matriculam-se, não existe a utilização de uma pedagogia ou material didático formais. A transmissão dos saberes se dá através da oralidade e da incorporação de uma prática estabelecida ao longo de vários séculos da história mundial. O aprendizado da feira, o trato com os números (contagem, as quatro operações: soma, subtração, divisão e multiplicação, e a porcentagem, entre outros), o desenvolvimento das relações interpessoais frutos das negociações, do trato e do talento para lidar com os clientes, o conhecimento do peso e medida das mercadorias, o desenvolvimento da sensibilidade de reconhecer a qualidade de um produto e o desenvolvimento dos delitos são, sem dúvida, enriquecedores, porém, deve-se levar em consideração que, eles não devem ser deslocados do conhecimento científico adquirido em complementação com o ambiente escolar.

A eliminação do trabalho infantil com fins exploratórios é necessidade de qualquer país que pretenda alcançar patamares mais elevados de equidade e justiça social. A construção de um país mais justo, menos desigual e mais democrático depende não só da definição de estratégias a curto e longo prazos, mas da vontade política dos governos, empresários e trabalhadores e em especial, da mobilização de grupos organizados da sociedade civil e dos cidadãos em geral, em especial, em um país onde propaga-se a máxima que é reiterada através das gerações que acreditam que o trabalho precoce não é só uma forma de dignificar o homem, mas de fazê-lo sobreviver em meio ao caos da má distribuição de renda, da baixa ou ausência de escolaridade e da fome e miséria iminentes.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Transdisciplinaridade e Complexidade: o que ensinar o que aprender** – In: Transdisciplinaridade e Complexidade: uma nova visão para a educação para o século XXI. . Natal: Editora do CEFET-RN, 2005, p. 26 a 46.

\_\_\_\_\_. **Complexidades, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Fundação Franklin Cascaes, 1995.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Tradução Monica Stahel. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

FONSECA, Ana Cláudia Mafra da. Feira livre. **Galante**. Fundação Helio Galvão. Natal, v.3, n.11, maio. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2005.

GUATTARI, F. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **A arte metamorfoseando a vida: vencendo os traumas do trabalho infantil**. Natal, RN, 2008.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro.**  
Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2ª ed. Brasília:  
UNESCO, 2010.

QUEIROZ, Gilliane Dantas de. **A feira livre do Alecrim:** os usos e significados  
do lugar. Natal, RN, 2006.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado espelho:** a fratura social e as pulsões  
juvenis. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará: Natal, RN: Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte, 2002.